

Danga - USP

Stefan Zweig

AMOK E XADREZ

Xadrez
Tradução de Odilon Gallotti
Revisão de Carlos Almeida Pereira

Amok e Viagem ao Brasil e à Argentina
Tradução de Marcos Branda Lacerda

Apresentação, cronologia
e revisão geral das traduções
Ingrid Schwamborn

SBD-FFLCH-USP



253020



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Argente M...

839
Z96amp

< 1776183 >

Títulos originais: DER AMOKLAUFER e SCHACHNOVELLE

© Editora Guanabara Koogan S.A.

Direitos cedidos à Editora Nova Fronteira S.A.
exclusivamente para esta edição de 1993.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 - Botafogo - CEP 22251-050
Tel. 286-7822 - Fax 286-6755
Endereço telegráfico: NEOFRONT
Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Z96a Zweig, Stefan, 1881-1942
Amok e xadrez / Stefan Zweig ; apresentação, cronologia e
revisão geral das traduções Ingrid Schwamborn. - Rio de Janeiro :
Nova Fronteira, 1993.

Conteúdo: Xadrez / tradução de Odilon Gallotti ; revisão de
Carlos Almeida Pereira - Amok e Viagem ao Brasil e à Argentina /
tradução de Marcos Branda Lacerda
ISBN 85-209-0457-2

I. Novelas alemãs. I. Schwamborn, Ingrid. II. Título.

93-0356

CDD - 833
CDU - 830-3

Esta edição é dedicada a Abrahão Koogan,
primeiro editor de Stefan Sweig no Brasil
e grande amigo do escritor.

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300134016

SUMÁRIO

Apresentação

1

Cronologia

21

Amok

27

Xadrez

93

Viagem ao Brasil e à Argentina

161

APRESENTAÇÃO TRÊS NAVIOS

Uma semana depois do carnaval, dia 23 de fevereiro de 1942, às 16:15h, o casal de empregados domésticos encontrou Lotte e Stefan Zweig mortos em duas camas, na casa alugada à rua Gonçalves Dias nº 34, em Petrópolis, a 60km do Rio de Janeiro. Era segunda-feira. O médico atestou morte por “ingestão de substância tóxica – suicídio” e como hora presumível estabeleceu 12:30h, pois a empregada disse que ao meio-dia ainda ouvira, vindo do quarto, um barulho parecido com um “ronco”, tendo decidido, por isso, não incomodar os patrões.

O choque e a emoção foram grandes, como comprovam testemunhas e jornais da época. As fotos da polícia, mostrando o casal morto, abraçado nas camas simples colocadas lado a lado, ainda comovem e causam arrepios, e quem as vê não pode deixar de sentir-se, ao mesmo tempo, um intruso.

Como na época, ainda hoje as pessoas se perguntam por que Stefan Zweig, autor famoso no mundo inteiro, suicidou-se, e por que sua jovem esposa, Elisabeth Charlotte, de 34 anos, procurou a morte junto com ele. Ambos levaram para o túmulo, em Petrópolis, o último segredo. Mas algumas revelações aparecem quando se considera a estreita relação entre a obra e a vida de Zweig, uma relação rejeitada durante muitos

anos por causa do *new criticism*, que defende a preeminência da obra, que teria um valor absoluto, isolado da vida do autor. Stefan Zweig, ele próprio, enfatizou em seus ensaios a simbiose entre a vida e a obra de grandes autores, como nos casos de Hölderlin, Kleist e Nietzsche, vendo os três em luta constante contra o “demônio” (a genialidade, a loucura), para finalmente alcançar as suas obras-primas nos últimos instantes de lucidez e de vida (*Der Kampf mit dem Dämon*, “A luta contra o demônio”, 1925).

Friderike Zweig, a primeira esposa de Stefan, chamou a atenção para a importância do ensaio *Heinrich von Kleist* para a vida do próprio autor. Ainda jovem, depois de sucessivos fracassos também no campo amoroso, Kleist — hoje, um dramaturgo clássico — convidou Henriette Vogel, uma mulher mais velha, portadora de câncer em fase terminal, a morrer com ele. Apenas a conhecia. Ela aceitou e o seguiu “alegremente” na sua “paixão de morte” (*Todesleidenschaft*), conforme as palavras de Zweig, entrando assim para a história da literatura alemã. O episódio, de alguma forma, causou forte impressão em Zweig. Friderike revelou que ele a convidou duas vezes a acompanhá-lo no mesmo gesto.

Em 1934, o escritor conheceu Lotte, portadora de asma crônica, que se agravou mais tarde, conforme o depoimento de pessoas que conviveram com o casal nos últimos meses de vida, no Brasil. É bastante provável que Lotte e Stefan Zweig tenham conversado sobre uma morte compartilhada em maio de 1941, quando este último fez seu testamento em Nova York, incluindo explicitamente a hipótese de vir a “morrer junto com minha esposa em um acidente ou de outra maneira” (L. Stern, *La mort de Stefan Zweig*, 1942). Nos Estados Unidos, Zweig trabalhou como nunca — terminou *Brasil, país do futuro* e *Amerigo*, além de escrever

a autobiografia — e sofreu suas mais profundas depressões, enquanto Lotte procurava, em vão, curar sua asma.

Nos dias que antecederam sua morte, Zweig organizou em detalhes todos os seus assuntos e escreveu várias cartas de despedida. No sábado, dia 21 de fevereiro, ele e Lotte escreveram a mão, separadamente, as *Disposições* testamentárias. E no dia 22, domingo, Zweig escreveu — como Kleist o fizera, para uma amiga — a sua última carta, cheia de ternura, para a ex-esposa Friderike. A esse modelo de morte “bonita” (“Às vezes uma morte boa é o melhor *curriculum vitae*”, escrevera ele em Kleist), Zweig juntou uma novidade, uma *Declaração* ao Brasil, sua declaração de amor e despedida do país acolhedor, o país que ele mais amou, o seu “paraíso”. Mas, em pleno inferno mundial, a vida se tornara insuportável para ele.

No último dia “útil” de sua vida, sábado, 21 de fevereiro, Lotte e Stefan Zweig foram ao correio em Petrópolis para despachar várias cartas e três grandes envelopes. Nestes, estavam os originais de “*Schachnovelle*” (literalmente, “*Novela de xadrez*”), batidos a máquina impecavelmente por Lotte e corrigidos a mão pelo próprio autor. Receberam as cópias o agente literário e tradutor Alfredo Cahn, em Buenos Aires, e os editores Ben Huebsch e Bermann-Fischer, em Nova York. O exemplar enviado a este último serviu para a publicação em língua alemã em 1943, em Estocolmo, para onde Bermann-Fischer havia transferido sua editora. Zweig deixou uma quarta cópia para Abrahão Koogan, seu jovem editor brasileiro, junto com outras obras não terminadas e fragmentos, assim como todos os seus pertences. Como revisor para as edições em língua alemã, autorizou seu último jovem amigo e admirador, Victor Wittkowski, que viria a suicidar-se em Roma em 1960.

A primeira edição mundial de “*Schachnovelle*” foi da Edi-

tora Guanabara, de Waissman/Koogan, com tradução do médico Odilon Gallotti, o mesmo que já havia traduzido *Brasil, país do futuro*. A novela foi publicada junto com “Dívida tardiamente paga”, escrita em Nova York em 1941, e “Seria ele?”, a estranha história de um cachorro que, movido por ciúmes, mata o único bebê de um casal já de meia idade (o próprio Zweig não teve filhos). As três novelas foram reunidas num só volume, em setembro de 1942, sob o título, ligeiramente enganador, de *As três paixões*. Em dezembro do mesmo ano, surgiu em Buenos Aires a primeira edição de “Schachnovelle” em língua alemã, pela Editora Pigmalión, de trezentos exemplares, hoje uma raridade para bibliófilos (e jogadores de xadrez).

Os livros de Stefan Zweig eram muito procurados no Brasil e na Argentina, como em muitos outros países, antes da Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, passaram a ser encontrados aqui principalmente nos sebos. Nos países de língua alemã e na França, no entanto, Zweig voltou a ser um dos autores mais lidos. E de toda a sua obra imensa, a pequena “Schachnovelle”, junto com “Sternstunden der Menschheit” (“Momentos decisivos da humanidade”), é o livro mais vendido separadamente, tendo a edição de bolso ultrapassado na Alemanha a marca de um milhão de exemplares em 1992. Em 1960, a história foi levada ao cinema por Gerd Oswald com atores conhecidos, como Claire Bloom, Curd Jürgens e Mario Adorf.

A obra de Stefan Zweig é, aliás, a mais filmada de todos os tempos, como constatou o cineasta Sylvio Back em pesquisa recente. Vários filmes, antigos e novos, estão disponíveis em vídeo, como *Carta de uma desconhecida* e *Segredo ardente*. A última novela transposta para a tela — pela terceira vez! — é justamente “Amok”, também incluída aqui, filmada neste ano de 1993 em Macau e Portugal, com produção francesa, transportando-

se assim o clima alemão-holandês-indiano para um ambiente latino-asiático.

Stefan Zweig lamentou certa vez não ter conseguido escrever um grande romance, à maneira de seu ídolo Balzac, ou de Thomas Mann. Seu único romance publicado em vida foi *Coração inquieto*, de 1939. Além deste, deixou esboçado em Petrópolis um “romance austríaco”, restaurado e publicado pelo editor Knut Beck sob o título de *Clarissa* em 1990. O mesmo editor já havia restaurado e editado em 1982, com grande sucesso de vendas, outro romance inacabado e deixado por Zweig sem título — talvez por insatisfação e autocensura —, denominando-o *Rausch der Verwandlung* (“Êxtase da transformação”, Companhia das Letras, 1987).

Romances não eram o forte de Zweig. Mas, além das biografias (*Joseph Fouché*, *Maria Antonieta*, *Maria Stuart*, *Fernão de Magalhães*), o grande talento desse escritor se manifestou em suas novelas, que se tornaram clássicos da língua alemã e do próprio gênero. Em fins de dezembro de 1941, logo ao terminar o primeiro esboço de “Schachnovelle”, Zweig anunciou a obra a Ben Huebsch, seu editor americano em Nova York, descrevendo com estas palavras a forma do gênero: “I have finished the first draft of another small work, one of the stories in my usual length, too short for a novel and too long for a magazine” (novel, em inglês, significa romance).

Novelle, em alemão, tem o significado parecido ao das *Novelas exemplares*, de Cervantes. Nas palavras de Goethe, é o relato de um acontecimento extraordinário, estranho, surpreendente, novo, uma história nunca contada antes (no que se diferencia de muitas “telenovelas” brasileiras, por exemplo). O narrador se concentra num único acontecimento, ou numa se-

qüência de episódios que giram em torno de uma revelação súbita, com um final inesperado ou em aberto. Como no *Decameron*, de Boccaccio, as histórias são muitas vezes contadas por uma pessoa que prepara o ambiente.

Na maioria das suas *Novellen*, Zweig introduziu um narrador, criando assim um certo distanciamento para a própria história, que fica como um quadro dentro de uma moldura, o que em alemão é chamado *Rahmennovelle*. Dentro dessa moldura, uma boa *Novelle* deve ter um “falcão” — ou seja, um assunto, um objeto, um símbolo —, em torno do qual se desenvolve o drama e se concentra toda a atenção do narrador e do ouvinte (ou leitor). No *Decameron* (nona história, quinto dia), um falcão é o pivô da história. Um jovem nobre gasta toda a sua fortuna para impressionar uma mulher — casada — de quem se enamora, até que lhe resta apenas um belo falcão. Um dia, a jovem, já viúva, vem procurá-lo, tencionando pedir o falcão para presentear-lo ao filho doente, que manifestara esse desejo. Ela não tem coragem de dizer isso ao seu admirador, que, ignorando o motivo da visita, a convida para almoçar e manda sacrificar seu último bem, o falcão. A viúva come o animal, sem o saber. Não pode, depois, levá-lo para o filho, que morre, deixando a jovem triste, mas agora rica — pois o marido deixara a fortuna só para o filho. Ela aceita casar-se de novo, não com outro homem rico, como queriam seus irmãos, mas com o jovem que sacrificara para ela seu belo falcão.

Depois de muitos trabalhos a serviço de outros grandes autores, mortos ou contemporâneos (Verlaine, Balzac, Dostoiévski, Verhaeren), Zweig publicou em 1922, aos 41 anos, sua primeira coletânea importante de histórias, com o título *Amok – Novellen einer Leidenschaft* (“Amok – novelas de uma pai-

xão”), reunindo “Amok” (na verdade, *Der Amokläufer*), “Carta de uma desconhecida”, “Noite fantástica” e “A mulher e a paisagem”. Sucesso imediato e duradouro.

Essas novelas contam histórias extraordinárias de paixões, no sentido de amor. Só em “Noite fantástica”, o súbito desejo sexual de um jovem *gentleman* por uma mulher ordinária o conduz a uma paixão pelo jogo (*Spielleidenschaft*), pelas apostas em corridas de cavalo, e disso resulta uma *compaixão* por todas as fraquezas humanas. Aqui, como em muitas novelas de Zweig, a paixão — mesmo o amor — é um “vício”, uma queda irresistível, inexplicável e, por isso, assustadora para os próprios personagens, o narrador e o leitor. Tanto é que Zweig mandou um exemplar de “Amok” para Sigmund Freud (1856-1939), e a ele dedicou o livro seguinte, *A luta contra o demônio*. A correspondência entre estes dois vienenses, publicada em 1989, revela o grande apreço e até a gratidão que o escritor dedicava ao criador da psicanálise. Para Zweig, Freud era um mestre.

Em “Amok”, o enredo gira em torno da instantânea e violenta paixão de um médico alemão, que trabalha numa colônia holandesa na Ásia, por uma altiva, loura e pálida inglesa, uma *lady* da sociedade local, que necessita dele num momento muito especial. O sentimento súbito e a corrida desesperada atrás de uma solução para o problema da jovem mulher determinam um enredo dramático, contado pelo médico ao narrador durante uma noite passada num navio em viagem transoceânica.

Essa novela é o único resultado literário da viagem de Zweig à Índia, Ceilão e Indonésia em 1908-1909. Lá, talvez ele tenha ouvido falar — ou, quem sabe, assistido — da carreira desatinada de um malaio, que de repente pegou seu punhal, ou *kris*, correndo em transe pela rua e cometendo os atos mais

atrozes. Uma pessoa assim, dominada por um misterioso demônio, é chamada *Amokläufer*, ou “homem que corre com amok”. O “falcão”, neste caso, é o “demônio” assustador, que leva o possesso, junto com sua vítima, à perdição. (Uma curiosidade: às vezes, as bibliotecárias brasileiras confundem esta palavra, pouco conhecida, com outra mais usual, e “corrigem” o nome da novela para... “amor”.)

O grande navio fictício de “Amok” chama-se *Oceania*. O navio real que trouxe Stefan Zweig para o Brasil, apesar de ser inglês, foi batizado com o nome português *Alcântara*. E, quando Zweig, saído da fria, inóspita e “incolor” Inglaterra, entrou na baía de Guanabara, avistando o Rio de Janeiro em 21 de agosto de 1936, deve ter se sentido como aquele médico banido, sujeito a humilhações e frustrações, diante de uma possível salvação: foi um verdadeiro *coup de foudre*, um amor à primeira vista, pela beleza, a harmonia e o calor, tropical e humano.

Sabemos desse impacto através da leitura do diário e das cartas que escreveu para a então esposa, Friderike. Desde cedo, Stefan Zweig se acostumara a anotar eventos e impressões num diário, hábito que depois, em idade madura, só continuou em ocasiões que considerava especiais, como essa viagem a Buenos Aires, feita a convite do PEN-Clube Internacional. Sua estada de doze dias no Brasil foi organizada por Abrahão Koogan, que conseguiu um convite oficial junto ao ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, grande e fiel admirador da obra de Zweig, o único, aliás, a enviar-lhe mais tarde um telegrama de cumprimentos, no dia do seu sexagésimo aniversário, em 28 de novembro de 1941, já em Petrópolis. O telegrama encontra-se hoje no acervo de Stefan Zweig, que A. Koogan doou à Biblioteca Nacional em novembro de 1992.

Em seu diário, Zweig registrou, além de cada dia, algumas noites, como aquela dos passeios na hoje extinta zona de prostituição do Mangue, junto com A. Koogan, que desde logo ele define como *sehr nett* (“muito simpático”), mas que hoje não se lembra bem desses detalhes, como diz. Como Zweig conseguiu viver esses dias no Rio de Janeiro e em São Paulo tão intensamente e, ao mesmo tempo, escrever tanto, ficará como um dos seus segredos artísticos.

Uma coisa Zweig não contou ao diário, mas está registrada na correspondência que trocou com Koogan: no Rio, comprou três anéis. Para quem? Não sabemos. Provavelmente, um para si, um para a esposa, Friderike, que já não morava mais com ele, e um para sua jovem secretária, escolhida pela própria Friderike: Elisabeth Charlotte Altmann, a *Fräulein Lotte*, que batia suas obras a máquina desde 1934 em Londres. Ao todo, foram US\$ 431, e Zweig pediu que A. Koogan os descontasse dos seus direitos autorais na Editora Guanabara.

Obviamente, o escritor estava numa espécie de limbo de sentimentos entre as duas mulheres, quando foi tomado por uma paixão ardente e inesperada por uma cidade, o Rio de Janeiro, e um país inteiro, o Brasil. Ele ainda tinha nacionalidade austríaca em 1936, mas já morava em Londres. Seus livros haviam sido queimados pelos nacional-socialistas na Alemanha em 1933, e as editoras, sobretudo a Insel, que crescera junto com ele, não mais o publicavam.

Isso não impediu o enorme sucesso das traduções de seus trabalhos para o português, publicadas no Brasil e em Portugal. Nada menos que 28 títulos de sua autoria estavam nas livrarias quando de sua chegada ao Rio. Era o autor mais lido no Brasil. Em sua recepção, por isso, o entusiasmo foi geral — e mútuo. Como mostrou Alberto Dines (*Morte no paraíso*, Rio de Janeiro,

Nova Fronteira, 1981), Zweig parece ter sido também o autor mais fotografado nos anos 30 e até seu último instante.

As belezas naturais da cidade, a cultura brasileira (a popular e a mais sofisticada), o caráter amável e pacífico do povo e a ausência aparente de barreiras raciais deixaram Stefan Zweig apaixonado, transmitindo-lhe um sentimento de felicidade que lhe proporcionou, como disse mais tarde, “*eine Seelenkur*” (uma “cura de alma”). Ele anotou todos os detalhes no seu diário, para depois aproveitá-lo na redação de um relatório mais extenso, *Kleine Reise nach Brasilien* (“Pequena viagem ao Brasil”), de 1937.

Zweig também usou o diário como uma espécie de parceiro de conversa. Celebridade do momento, detestava ser “o centro das atenções”; aceitava tudo com certa vaidade, mas também cansaço, humildade e ironia (escreveu a Friderike, dizendo que era tratado como uma Marlene Dietrich ou um Charlie Chaplin).

Desse primeiro encontro com o Brasil, surgiu a idéia de fazer um livro inteiro sobre este país encantador, o que viria a ser feito durante a segunda estada de Zweig, em 1940. Surgiu então o famoso e polêmico *Brasil, país do futuro*, publicado pela Editora Guanabara em 1941.

Mas o tema que ocupou Zweig nessa primeira passagem foram as viagens de descobrimento, especialmente aquela realizada pelo navegante português Fernão de Magalhães, que mereceu a última biografia terminada por Zweig (*Magellan, o homem e o feito*, 1938). No segundo dia de viagem para o Brasil (9 de agosto), a bordo do navio, Zweig já lia sobre esse português que se colocou a serviço dos espanhóis, demonstrando em dias seguintes (14, 15 e 16 de agosto) admiração pela coragem dos descobridores.

No fragmento do diário aqui publicado, o escritor menciona algumas pessoas que encontrara durante a viagem, em geral de pouco interesse para ele e para os leitores, com uma exceção: um certo Mr. Montague (“sr. Segunda-Feira”), de Nova York, certamente o protótipo do “Mr. McConnors”, de “Schachnovelle”, o engenheiro barulhento, rico e exigente, que provoca o campeão mundial de xadrez, pagando US\$ 250 por partida, uma fortuna para a época. É o homem bem-sucedido que não sabe perder.

Dois outros fatos mencionados chamam a atenção neste fragmento do diário: logo no primeiro dia de sua estada no Rio, ou no dia seguinte, Zweig anotou um detalhe surpreendente da vida dos brasileiros, o “jogo do bicho”, ao qual se refere como “vício nacional”. Sua curiosidade pelo assunto indica que ele mesmo deve ter sido fascinado por todo tipo de jogo, de sorte e azar (“Vinte e quatro horas na vida de uma mulher”), de apostas (“Noite fantástica”) e também de xadrez. No seu livro sobre o Brasil, Zweig fala mais detalhadamente sobre os brasileiros como “jogadores de loteria”, além de tentar explicar o funcionamento do jogo do bicho aos estrangeiros.

Zweig também registra que, na visita a São Paulo, impressionou-se no Instituto Butantã ao ver o veneno de 80 mil cobras concentrado num vidro que poderia matar uma cidade em segundos, como diz. Desde então, o veneno parece ser uma obsessão para ele, que poria fim à própria vida, anos depois, ingerindo o conteúdo de um vidro, presumivelmente o sonífero Veronal, o mesmo que o médico desesperado toma em “Amok” para encontrar sono e sossego.

Outro episódio curioso: no domingo, depois do almoço de gala oferecido pelo ministro das Relações Exteriores no Jockey Club (lugar de apostas), Zweig visitou uma casa na Flo-

resta da Tijuca, pertencente ao “almirante inglês Cochran”, como ele escreve, erroneamente. Tratava-se da casa de Thomas Cochrane, primo do almirante, homeopata e homem de negócios, que viria a ser o sogro de José de Alencar. Ele adquirira a casa em 1855. Ali, Alencar conheceu Georgiana Augusta, de dezoito anos, e, recém-casado, também ali — fato pouco conhecido — escreveu *Iracema* em 1865. Zweig ficou encantado com o ambiente e a “paisagem de sonho” e, talvez captando o espírito do lugar, depois dessa viagem sua veia artística renovou-se quase milagrosamente. A casa, situada na Gávea Pequena, é hoje a residência oficial do prefeito do Rio de Janeiro.

Na terça-feira, 25 de agosto, Zweig foi homenageado pela Academia Brasileira de Letras. Ao discurso de elogio de um dos membros, Múcio Leão, ele respondeu com palavras que viria a publicar mais tarde com o título *Dank an Brasilien* (“Agradecimento ao Brasil”). Nesse discurso ele se diz envergonhado, pois todos aqui conheciam sua obra e ele quase nada conhecia sobre eles como escritores; diz ainda que não fez, ou alcançou, o que realmente desejava produzir; promete fazer alguma coisa para retribuir a simpática acolhida e afirma que, com certeza, voltaria em breve.

A essas anotações de diário, Zweig deu o título de *Reise nach Brasilien und Argentinien*, expondo suas intenções. Mas o texto termina em 1º de setembro, justamente quando ele deixa a terra firme do Brasil pelo porto de Santos e encontra Emil Ludwig e Duhamel a bordo de outro navio, a caminho do congresso do PEN-Clube em Buenos Aires. Nenhuma palavra sobre a Argentina, nem no diário, nem na obra — uma grande decepção para seus admiradores portenhos até hoje. Em uma carta de Buenos Aires para Friderike, Zweig disse, fazendo um trocadilho com o nome da cidade: “O ar aqui não é tão bom como no Rio.”

Na segunda viagem ao Brasil, Zweig veio no navio *Argentina*, dessa vez com a jovem esposa, saindo de Nova York em 9 de agosto de 1940 e chegando ao Rio em 21 de agosto, a mesma data da primeira vez. O casal voltou para os Estados Unidos em janeiro de 1941, de avião. Zweig, no entanto, conseguira no dia 5 de novembro de 1940, no Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, durante uma viagem de conferências, o carimbo mais precioso naquele tempo de guerra e de fugas: o visto permanente para residir no Brasil. Voltou então ao país de navio, o *SS Uruguay*, saindo com a mulher de Nova York em 15 de agosto e chegando no Rio doze dias depois — exatamente como na viagem de “*Schachnovelle*”.

Antes de ir para a “solidão” em Petrópolis — que lembra a Zweig uma pequena cidade nas montanhas da Áustria —, comprou no antiquário Le Connaisseur, do sr. Wolfgang Apfel, na rua Sete de Setembro, no Rio de Janeiro, edições usadas de “bons autores” — Homero, Shakespeare, Goethe —, como informa Victor Wittkowski em *Ewige Erinnerung* (Roma, 1960). Também deve ter adquirido ali um livro de xadrez publicado em 1925, *Die hypermoderne Schachpartie*, de Savielly G. Tartakower, descoberto por Alberto Dines em seu espólio, deixado para a Biblioteca Municipal de Petrópolis.

Em 19 de setembro, dois dias depois da mudança para a casa alugada na rua Gonçalves Dias nº 34, Zweig escreveu ao seu amigo Richard Friedenthal: “Estou no momento tentando escrever uma muito curiosa (estranha) ‘*Schachnovelle*’.” Talvez este título fosse provisório, mas dez dias depois ele o repetiu, com mais explicações, para Friderike, numa carta de 29 de setembro, em que falava de outros trabalhos também: “Aqui eu corrijo muito a autobiografia [quase terminada nos meses que passara nos Estados Unidos] e esbocei uma pequena nove-

la de xadrez, inspirado no fato de ter comprado, para o isolamento, um livro de xadrez; estou jogando diariamente as partidas dos grandes mestres.” O subtítulo desse livro é relevante: *Ein Schachlehr – und Lesebuch. Zugleich eine Sammlung von 150 schönsten Meisterpartien aus den Jahren 1914-1925* (“Um livro de aprendizagem e leitura. Também uma coletânea das mais bonitas partidas de mestres dos anos 1914-1925”).

Nessas semanas, a atenção desse *homme de lettres* permaneceu concentrada no livro de Tartakower, sua única “fonte”. Brincando, chega a recomendar a Richard Friedenthal que pare de estudar e viva como ele, quase sem livros ou possibilidades de documentar-se em uma biblioteca, pois “*Das regt an, zu erfinden und kühn zu sein*” (“É um estímulo à invenção e à audácia”). Ao mesmo tempo, em 19 de setembro de 1941, lamenta não ter mais o costumeiro público. Teme um certo relaxamento de linguagem, pois, como diz, estava escrevendo apenas para o tradutor.

Apesar desse duplo exílio, o da pátria e o da linguagem, Stefan Zweig continua escrevendo apenas na única língua literária possível para ele, o alemão, segundo os termos de suas cartas a Friderike e aos amigos em outros países. Nessas cartas, Zweig sempre diz que estava preparando uma pequena novela, “estranha”, “curiosa”, “diferente”, mas nunca revela do que se trata. A única pessoa que viu o manuscrito em vida do autor foi Ernst Feder, ex-redator-chefe do *Berliner Tageblatt*, também refugiado em Petrópolis desde 1º de dezembro de 1941, a quem Zweig pediu em meados de janeiro de 1942, poucas semanas antes de morrer, uma revisão do manuscrito, “ainda longe de estar terminado”. Feder, para Zweig, era um especialista nas duas artes, a literatura e o xadrez (“*höchst dankbar, wenn Sie als doppelter Fachmann der beiden Künste, der schachlichen und literarischen, mir Ihre Einwände rückhaltlos sagen wollten*”).

Foi o casal Feder que Lotte convidou para passar a noite do sábado, dia 21 de fevereiro, junto com eles. Assim, Ernst Feder e sua esposa foram as últimas pessoas a verem os Zweig com vida. Feder conta (em “*Zweigs letzte Tage*”, in *Der grosse Europäer Stefan Zweig*, Frankfurt, Ed. Hanns Arens, 1981) que Lotte olhou longamente para Stefan quando este aceitou o convite para jogar uma partida de xadrez. Jogaram, nessa noite, duas partidas. Feder não sabia que horas antes Zweig havia despachado os três exemplares de “*Schachnovelle*”, fato confirmado pelos recibos do correio que hoje se encontram no acervo de Wittkowski no *Deutsches Literaturarchiv*, em Marbach, Alemanha.

Horas antes de morrer, o destino dos seus escritos era o que mais preocupava Stefan Zweig. Na sua carta de despedida a Koogan, pede ao amigo que cuide de seus manuscritos, inacabados (com exceção da pequena “*Schachnovelle*”), e autoriza Wittkowski a fazer uma revisão, ou supervisão, para a edição em língua alemã. Na carta de despedida para Wittkowski, escrita provavelmente nesse mesmo dia 21, Zweig diz que todo aquele material inacabado não tinha grande valor — tratava-se apenas de uma espécie de “instinto de conservação” —, pedindo para que todo o supérfluo fosse destruído. Sinceridade ou *coquetterie* com a posteridade?

Disso resultou uma briga dos herdeiros com Wittkowski, que se considerou encarregado de administrar todos os escritos de Zweig no Brasil. Por isso, também há várias versões da “*Schachnovelle*”. A cópia que Zweig mandou para Bermann-Fischer em Nova York serviu de base para a edição atual da Editora S. Fischer, de Frankfurt, que difere em alguns detalhes significativos da tradução brasileira de 1942. A revisão da tradução de Odilon Gallotti, que a Nova Fronteira está publicando, aproxima o texto da edição Fischer. Nessa versão, por

exemplo, o Dr. B. tinha 55 anos, mas no original enviado para Bermann-Fischer o personagem tem comprovadamente 45 anos. Em um outro detalhe, a correção do tradutor (ou de Wittkowski?) foi mantida: Zweig escreveu que o livro de xadrez fora encontrado no bolso de um oficial na “quinta-feira, dia 27 de julho”, mas no ano de 1938 esse dia era uma quarta-feira.

Há um fenômeno curioso na literatura: se o original é bom, ele amadurece com o tempo, tornando-se um clássico. As traduções é que envelhecem e precisam ser renovadas, adaptadas aos novos tempos. Um exemplo: 1984, de George Orwell, foi escrito em 1948 e traduzido nos anos 50. Quando o ano de 1984 efetivamente chegou, as traduções anteriores já estavam quase ridículas, distantes da nova linguagem da tecnologia. Comparando-se a tradução de “Schachnovelle” feita em 1942 e a de hoje, nota-se que a anterior era bem mais “portuguesa”, demonstrando um avanço no abasileiramento da língua comum.

“Schachnovelle” era tão importante para Zweig, que ele só se suicidou depois de tê-la despachado. É sua obra mais enigmática. Já o título é tão vago que os tradutores tiveram grande dificuldade em interpretá-lo. Não se joga aí exatamente uma, nem “a” partida de xadrez, título usado na primeira edição brasileira. No nível “real”, jogam-se pelo menos meia dúzia de partidas, e no nível imaginário, um número infinito. Tampouco há apenas um único jogador, como sugere a tradução francesa *Le joueur d'échecs*. Mas as duas versões estão certas no que sugerem, pois xadrez — em português — traz a conotação de prisão, e *échec* — em francês — significa também fracasso. Sem dúvida, Zweig tinha consciência dessas significações. Pode-se imaginar que a idéia do isolamento de uma pessoa em um xa-

drezes jogando xadrez tenha tido origem no duplo sentido que a palavra adquire na língua portuguesa, e que optamos por preservar nesta tradução. Completamente fora das intenções do autor deve ser a tradução inglesa, *The Royal Game*.

Quais eram as intenções de Zweig? Ao amigo Berthold Viertel ele comunicou no dia 30 de janeiro de 1942: “*Dann habe ich eine aktuelle längere Erzählung geschrieben...*” (“Depois, eu escrevi um conto bastante longo e atual...”). De fato, essa novela, terminada e publicada em 1942, é, junto com *Mephisto*, de Klaus Mann (de 1936), o primeiro reflexo, na literatura, da atualidade política alemã. Ao contrário das novelas anteriores de Zweig, aqui a distância entre o tempo do narrador fictício e o tempo real do autor é a menor possível. Por outro lado, também a distância em relação aos seus próprios sentimentos é muito menor do que em suas obras anteriores, incluindo-se aí sua autobiografia, *Die Welt von gestern* (“O mundo que eu vi”). Feder já observou que o personagem principal de “Schachnovelle”, o Dr. B., um advogado de Viena, vítima da Gestapo, desenvolve muitos pensamentos que torturavam Zweig nas últimas semanas de vida, em Petrópolis.

Com seu fim em aberto e seus dois diferentes níveis — o jogo “real” a bordo do navio e o jogo imaginário que se desenrola na prisão — essa novela convida a interpretações diversas e fundamentadas. Para uns, Zweig queria mostrar o efeito nocivo da nova técnica de tortura do *brainwashing* (Daviau/Dunkle); para outros, queria realçar a luta da sensibilidade e intelectualidade contra a brutalidade e a barbárie (Knut Beck). Alguns (A. Baner) especulam que, em um navio de Nova York para o Rio de Janeiro, Zweig encontrou uma pessoa parecida com o Dr. B., que teria contado para ele a sua extraordinária história de ex-prisioneiro da Gestapo no luxuoso Hotel Metrô-

pole, em Viena, depois do dia 13 de março (de 1938, data do Anschluss, ou anexação da Áustria pela Alemanha), resistindo a todas as pressões durante meses, só com a ajuda de um livro de xadrez encontrado por acaso, aprendendo as regras e jogando cada vez mais febrilmente, até a loucura. Outras pessoas, sobretudo jogadores de xadrez, supõem que Zweig poderia realmente conhecido em suas viagens um campeão desse jogo, como o excêntrico Miguel Najdorf, que viajou com a equipe polonesa para um campeonato em Buenos Aires em 1939 e se naturalizou argentino. Em 1947, Najdorf foi levado à beira da loucura ao jogar em São Paulo uma partida simultânea e “cega” contra 45 adversários, parecendo viver algumas cenas de “Schachnovelle”.

Vesely e outros também se perguntaram qual a importância do xadrez nessa novela. O próprio Stefan Zweig era um amador, que só jogava para se distrair, assim como ocorre com o narrador, que se classifica como um “jogador de terceira categoria”. Feder conta como tinha que se esforçar para deixar Zweig ganhar uma partida de vez em quando. Mas Zweig deve ter ficado fascinado pela figura de um profissional que joga para ganhar dinheiro, e não faz outra coisa na vida. Nas suas novelas, os narradores sempre sentem curiosidade, ou mesmo paixão de analista, diante de gênios ou maníacos. Em “Schachnovelle”, no entanto, o campeão mundial, atraído pela armadilha representada pelo jogo de amadores, só serve, ele mesmo, como armadilha para atrair o Dr. B., verdadeiro parceiro do jogo. Forma-se um encadeamento de episódios em que cada partida de xadrez se sucede a outra, como aquelas bonecas russas, umas encaixadas nas outras. No centro encontra-se um livro de xadrez que desencadeia uma nova seqüência de jogos, agora imaginários, retornando depois para o jogo

“real”, a bordo. O Dr. B. procura a salvação nesse jogo. Xadrez, porém, é um jogo brutal, que termina com a “morte” de um dos jogadores, xeque-mate significando “morte do sheik” (ou xâ), para o qual não há salvação.

A importância do jogo de xadrez para Stefan Zweig é revelada em uma conferência proferida por ele em Nova York, em 1938, com o título “O segredo da criação artística”. O jogo de xadrez, milenar, trazido à Terra por um deus “a fim de matar o tempo”, o jogo mais concreto e ao mesmo tempo mais espiritual, “uma matemática que não calcula nada”, “uma arquitetura sem substância porém mais duradoura que todas as obras ou livros” — como diz o narrador em “Schachnovelle” —, era para Zweig uma metáfora, um símbolo da arte, da possibilidade de criar, dentro dos limites de um espaço definido, um número infinito de combinações, ou obras artísticas.

Dessa perspectiva, “Schachnovelle”, ou “Xadrez”, mostra-se a obra mais íntima de Zweig, o retrato do artista confinado num espaço mínimo, sem comunicação com o mundo exterior, no xadrez, ou prisão, jogando com palavras um jogo de criação que no começo da carreira era divertido e mais tarde transformou-se em paixão. A partir de certo ponto — o exílio —, a criação literária tornou-se um jogo obsessivo, destrutivo, uma luta de resistência contra poderes maiores, levando-o — como o Dr. B. — aos limites da razão humana, ou “ao fundo do oceano” de depressões.

Eis aí a “atualidade” verdadeira da novela, à qual Zweig fizera referência em carta ao amigo Viertel. Depois de ter terminado uma autobiografia surpreendentemente impessoal, retratando a vida de uma geração, ele revela em “Schachnovelle” seu próprio estado de espírito: “Não podia mais concentrarme”, escreve no texto da novela e repete na última carta a

Friderike, “e a solidão, que no começo tinha efeito tão calmante, começou a ser opressiva.” Aos sessenta anos, sente-se cansado, esgotado, sem esperança de poder viver mais com seu “fígado negro”, a melancolia, as depressões, que se agravavam nos últimos meses. Tudo o que estava fazendo nessa época, como um livro sobre Montaigne, fazia “sem garra”: “Só trabalho para não me tornar melancólico ou louco.”

“Schachnovelle” era tão importante para Zweig, que ele a melhorou estilisticamente até o último momento, mesmo acreditando que ela interessaria apenas ao círculo restrito dos amadores de xadrez. Nos anos de guerra, o texto efetivamente ficou quase despercebido. Mas, com o correr dos anos, seu valor literário se impôs cada vez mais, e ela terminou traduzida para mais de trinta línguas, sendo hoje considerada uma obra-prima. Como Kleist, Nietzsche e Hölderlin, na mais profunda solidão e depressão, perto do sempre imaginado fim — o suicídio é uma constante em suas novelas e em seu único romance —, Stefan Zweig deu o melhor de si.

Coincidência ou não, “Schachnovelle” é a única obra que escreveu do começo ao fim no Brasil, na modesta casa de veraneio em Petrópolis. E, ironicamente, é uma das poucas obras suas na qual nenhum personagem pensa em suicidar-se. A vez, agora, era do próprio autor. Xequemate no paraíso.

Ingrid Schwamborn

Doutora em Letras Romanas pela Universidade de Bonn, Alemanha

CRONOLOGIA ABREVIADA DE STEFAN ZWEIG

- 1881.** Nasce em Viena, segundo filho de Moritz Zweig, natural da Morávia e fabricante de tecidos, e de Ida Zweig, nascida Brettauer, natural de Ancona (Itália).
- 1892-1900.** Faz seus estudos de segundo grau e viaja à França.
- 1900.** Ingressa na Universidade de Viena, onde cursa filosofia, germanística, línguas e literatura neolatina.
- 1901.** Primeira publicação: *Silberne Saiten*, poemas.
- 1902.** Primeiro artigo para o *Neue Freie Presse*, principal jornal de Viena, então dirigido por Theodor Herzl. Escreve o conto *Die Wanderung* (“A peregrinação”) e edita uma antologia das melhores traduções alemãs dos poemas de Paul Verlaine. Viaja à Bélgica, onde encontra pela primeira vez Émile Verhaeren.
- 1902-1903.** Estuda um semestre na Universidade de Berlim.
- 1904.** Apresenta sua tese de doutoramento, *A filosofia de Hippolyte Taine*. Traduz para o alemão e publica *Poemas escolhidos*, de Verhaeren.
- 1906.** Publica a coletânea de poemas *Die frühen Kränze*, pela Editora Insel, de Leipzig. Passa quatro meses na Inglaterra e traduz

para o alemão *A filosofia da arte visionária de William Blake*, de A.G.B. Russel.

1908-1909. Passa cinco meses na Índia, Ceilão, Birmânia e países vizinhos.

1911. Viaja aos Estados Unidos, Canadá, Panamá, Cuba e Porto Rico.

1912. Conhece Friderike Maria von Winternitz (1882-1971), casada, mãe de duas filhas e sua futura esposa.

1913. Publica *Brennendes Geheimnis* ("Segredo ardente") pela Editora Insel.

1917. Publica *Jeremias*, peça de teatro.

1920. Casa-se com Friderike. Publica o conto *Der Zwang* ("A obsessão") e *Três mestres*, com ensaios sobre Balzac, Dickens e Dostoiévski, primeiro volume da coleção *Construtores do Mundo*. Publica também *Romain Rolland, o homem e a obra*.

1921. Organiza e faz a introdução para a edição alemã das obras completas de Dostoiévski.

1922. Publica *Amok. Novellen einer Leidenschaft* ("Amok: novelas de uma paixão") e edita, em alemão, as obras completas de Paul Verlaine.

1925. Publica *Der Kampf mit dem Dämon* ("A luta contra o demônio"), com ensaios sobre Hölderlin, Kleist e Nietzsche, segundo volume da coleção *Construtores do Mundo*; dedica o livro a Sigmund Freud.

1926. Publica *Volpone*, peça de teatro, que estréia depois no Burgtheater, em Viena.

1927. Publica *Sternstunden der Menschheit. Fünf historische Miniaturen* ("Momentos decisivos da humanidade"). Suas obras com ple-tas são publicadas em russo, em dez volumes, pela Editora Vremia, de Leningrado, com introdução de Maxim Gorki. Publica *Verwirrung der Gefühle* ("Confusão de sentimentos"), que, além da novela-título, contém *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau* ("24 horas na vida de uma mulher") e *Untergang eines Herzens* ("O ocaso de um coração"). Freud faz detalhada análise das duas primeiras novelas, causando forte impressão em Zweig.

1928. Erwin Rieger publica *Stefan Zweig, der Mann und das Werk*, primeira biografia do escritor. Zweig lança *Drei Dichter ihres Lebens* ("Três poetas da sua vida"), sobre Casanova, Stendhal e Tolstoi, terceiro volume da coleção *Construtores do Mundo*. Vai à União Soviética para as comemorações do centenário de nascimento de Tolstoi.

1929. Publica *Joseph Fouché. Bildnis eines politischen Menschen* ("Joseph Fouché: retrato de um homem político"), *Das Lamm der Armen* ("O carneiro dos pobres") e *Kleine Chronik* ("Pequena crônica").

1931. Publica *Die Heilung durch den Geist* ("A cura pelo espírito"), com ensaios sobre Mesmer, Mary Baker-Eddy e Freud. Publica também, sempre pela Editora Insel, *Poemas escolhidos*.

1932. Recebe carta de Abrahão Koogan, sócio da Editora Guanabara, do Rio de Janeiro, sobre a possibilidade de publicação de suas obras no Brasil. Responde prontamente, iniciando uma relação que seria longa. Publica *Marie Antoinette. Bildnis eines mittleren Charakters* ("Maria Antonieta: retrato de um caráter médio").

1933. Seus livros são queimados em praça pública pelos nacional-socialistas em Berlim. Parte para uma estada prolongada em Londres, onde prepara o libreto da ópera cômica de Richard Strauss *Die schweigsame Frau* ("A mulher silenciosa"). A Editora Guanabara publica a primeira edição brasileira de uma obra sua, *24 horas na vida de uma mulher*.

1934. Sua casa em Salzburgo é invadida pela polícia, a pretexto de buscar armas. Zweig, pacifista notório, vai para Londres, mas Friderike permanece em Salzburgo. Elisabeth Charlotte Altmann, "Lotte", torna-se secretária do escritor e viaja com ele à Escócia para ajudar na preparação de uma biografia de Maria Stuart. Zweig viaja com Friderike à Suíça e a Salzburgo. Publica *Triumph und Tragik des Erasmus von Rotterdam* ("Triunfo e tragédia de Erasmo de Roterdam").

1935. Vai de navio aos Estados Unidos, em companhia de Toscanini e Schalom Asch, para fazer conferências e contatos com editoras. A ópera *Die schweigsame Frau* é proibida, depois de três apresentações em Dresden. Publica *Maria Stuart*.

1936. Publica *Castellio gegen Calvin. Ein Gewissen gegen die Gewalt* ("Castellio contra Calvin: uma consciência contra a violência") e reedita novelas e contos, em dois volumes intitulados *Die Kette* ("A corrente") e *Kaleidoskop* ("Caleidoscópio"). A caminho da Argentina, onde participaria de uma reunião do PEN-Club, conhece o Brasil, país que o impressiona vivamente. Apaixona-se pelo Rio de Janeiro.

1937. Publica a coletânea de ensaios *Begegnungen mit Menschen, Büchern, Städten* ("Encontros com homens, livros e países"), incluindo *Kleine Reise nach Brasilien* ("Pequena viagem ao Brasil").

Publica também a lenda *Der begrabene Leuchter* ("O candelabro enterrado"). Separa-se de Friderike.

1938. Publica *Magellan. Der Mann und seine Tat* ("Fernão de Magalhães: o homem e seu feito"). Poucos meses depois da anexação da Áustria pela Alemanha, informa-se sobre a possibilidade de naturalizar-se brasileiro. Viaja com Lotte para os Estados Unidos, proferindo conferências em trinta cidades. Divorcia-se de Friderike.

1939. Publica *Ungeduld des Herzens* ("Coração inquieto"), seu primeiro romance, com grande sucesso. Casa-se com Lotte. Pronuncia, em Londres, o discurso fúnebre em homenagem a Sigmund Freud.

1940. Naturaliza-se britânico, junto com Lotte. Faz uma conferência em Paris, tendo como tema "A Viena de ontem". Em junho, o casal recebe um visto temporário para o Brasil, válido por 180 dias. Stefan e Lotte Zweig viajam a Nova York, de onde embarcam para o Brasil. Em novembro, visitam Argentina e Uruguai e recebem o visto permanente no Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires. Retornam a Nova York.

1941. Friderike emigra para os Estados Unidos. Stefan Zweig prepara *Amerigo. Geschichte eines historischen Irrtums* ("Américo: uma comédia de erros na história"), sobre o nome América, dado ao Novo Continente; o texto só seria publicado em 1943, depois da morte do autor, tendo sido a edição brasileira, da Editora Guanabara, a primeira em todo o mundo. Zweig redige a autobiografia, *Die Welt von gestern* ("O mundo que eu vi"). Saem — no Brasil, na Inglaterra, na França e na Alemanha — edições sucessivas de *Brasil, país do futuro*. Stefan e Lotte chegam ao Brasil em

agosto e se instalam em Petrópolis. Por carta, o escritor avisa Friderike e amigos que está preparando “uma pequena novela estranha”. É *Schachnovelle* (literalmente, “Novela de xadrez”). No fim do ano, está profundamente deprimido por causa da guerra, do exílio e da solidão.

1942. Termina *Schachnovelle* em fins de janeiro e prepara um livro sobre Montaigne. Permanece deprimido. Junto com Lotte, passa o carnaval com o casal Koogan, no Rio. Na terça-feira, dia 17 de fevereiro, lê nos jornais a ocupação de Cingapura pelo Japão e resolve voltar a Petrópolis. No dia seguinte, redige a primeira carta de despedida, dirigida a A. Koogan. No dia 20, sexta-feira, entrega a Koogan um envelope fechado, contendo documentos e a carta. No sábado, despacha pelo correio, em Petrópolis, três originais de *Schachnovelle*; à noite, janta e joga xadrez com Ernst Feder. No domingo, escreve a última carta, para Friderike, e uma Declaração ao Brasil, o seu “paraíso”. Na segunda-feira, 23 de fevereiro, comete suicídio, junto com a esposa. Ambos são enterrados no dia seguinte, com grande solenidade, em Petrópolis. Em setembro, sai no Brasil a primeira edição mundial de *Schachnovelle*, pela Editora Guanabara, com tradução de Odilon Gallotti.

AMOK

(Der Amokläufer)

